

A INFORMAÇÃO

Percurso Simbólico

Um conjunto de unidades metalinguísticas que “supõem” dois géneros textuais – títulos e desenvolvimentos do jornal radiofónico – permite não só apontar para elementos diferenciais desses “géneros”, como também remeter para valores simbólicos da informação “medial”: a narratividade, o simulacro de realismo, a perspectivação pela contiguidade ... Por outro lado, com o mesmo “corpus”, são reveladas uma “deslocação” lógico-discursiva e uma rivalidade de objectos discursivos através de um caso de perspectivação enunciativa criada pelo paradigma deíctico /este, esta/, ficando assim sublinhada a representatividade simbólica de unidades gramaticais.

Ao comparar a “comunicação simbólica” com a “comunicação afectiva” diz David Premack, professor americano de psicologia, que “a comunicação afectiva está submetida à condição prévia de base de uma concordância temporal das escalas de preferências. Todos os membros da comunidade devem ordenar os acontecimentos do mundo da mesma maneira e utilizar uma mesma escala de valores”.⁽²⁾

Se fizermos abstracção das contingências temporais a que está submetida qualquer escala de valores e se relativizarmos a incidência que poderá ter a fórmula de Premack, parece-nos útil recordar a importância dessa “base de concordância” – afectiva – quando estão em causa as noções de comunicação, informação e acontecimento.

Por outro lado, procurar compreender “quem diz o quê e como e a quem”, na velha e consagrada fórmula de Lasswell acerca das funções da comunicação, continua sendo uma questão que, longe de estar resolvida, se actualiza. A própria visão ou revisão dos termos – quem, o quê, como, a quem – bastaria a sempre equívoca problemática do saber e do conhecer os objectos, incluindo

sujeitos, que constituem a comunicação moderna “*lato sensu*”.

Porque, ao entrever-se a comunicação, a não comunicação se desvela, porque ao instituir-se a totalidade da comunicação se incorre na necessidade de reduzir, isto é, se percorre a Necessidade linguística e cultural.

O querer, dever e poder dizer, são modalidades da comunicação a que se juntam a competência e a “performance” linguísticas. O texto na sua literalidade evoca a permanência do resíduo mas a periodicidade com que se repetem e transmitem os textos permite a mítica revelação – e satisfação – do que é contínuo.

Antes de abordarmos o tema – relações entre títulos e desenvolvimentos do jornal radiofónico – :

Lembremos muito rapidamente algumas implicações comuns à imprensa escrita e à imprensa sonora. A redundância e o ruído (no sentido que tomou na teoria da informação) são elementos integrantes da comunicação radiofónica, mas não são alheios, muito pelo contrário, à imprensa escrita. Além disso, a informação, tanto numa como noutra, obedece, por parte do ouvinte e leitor, a filtragens múltiplas.⁽³⁾

É possível também, e dentro duma perspectiva na periodicidade e simultaneamente da leitura/audição, apontar para ambas, fenómenos como a retroacção, o reconhecimento, o reforço e a remanência: O **reconhecimento** considerado como relação de sinais com uma dada configuração mental, o **reforço** como a consolidação das convicções ou indefinições intervindo a par da regularidade situacional; e a **remanência** como o laço a manter coerentes os sucessivos objectos evanescentes, tais como os títulos e os noticiários.

Pode mesmo falar-se, tanto para a imprensa escrita como para a radiofónica, de uma organização espacio-temporal, ainda que, à primeira vista, só a primeira pareça ligada a uma organização espacial. Na imprensa escrita, a distribuição da “informação” corresponde a um arranjo gráfico que fixa visualmente lugares e hierarquias, direcções impressivas de leitura. No “*medium*” radiofónico, é sonora e verbalmente que essa distribuição, esse arranjo espacial, é conseguido, quando, por exemplo, é estabelecida uma distância, mesmo se temporal, entre os títulos e os corpos de notícias: é o caso da Rádio Renascença ao fixar uma pausa entre o resumo das 12 h e o desenvolvimento às 12.30 h. Quanto à Antena 1, há uma certa representação auditiva da organização espacial, através da sistemática mudança de voz, a voz do locutor em estúdio dando lugar, por exemplo, à voz do jornalista/correspondente no exterior.

Deixando de lado unidades distintivas específicas da comunicação radiofónica como espaços musicais, tons, ritmos e inflexões de vozes (do género competitivo, expeditivo, anunciativo), insistiremos em certos aspectos enfáticos, que são comuns ou não a títulos e corpos de notícias e sobretudo pretendemos pôr em destaque relações discursivas predominantes. Relações discursivas que tocam a organização interna do jornal, escrito ou sonoro, em pontos onde se torna mais flagrante ser a actualidade actualização simbólica e afectiva de tendências e motivos individuais e colectivos.

É num reduzido número de textos sonoros que apoiamos o nosso breve comentário, suscitado no entanto por observações colhidas no campo da imprensa escrita. Foi a presença do conjunto título/desenvolvimento que determinou a escolha do “*corpus*”, constituído pelo noticiário das 12.30h e títulos das 12h da Rádio Renascença do dia três de Março do corrente ano e pelo noticiário das 13h de Antena 1 do mesmo dia.

Determinar as regras que possam gerar não só os títulos a partir dos textos (corpos de notícias) ou o inverso, mas a própria relação que os une, seria tarefa

importante, a exigir uma teoria adequada. É natural, no entanto, que uma etapa preliminar consista em utilizar as coordenadas cartesianas. Assim, pode ser estabelecido a vários níveis um paralelo entre os títulos e os desenvolvimentos, como se deduz do esquema:⁽⁴⁾

	títulos	desenvolvimentos
↔	a	a'
	b	b'
	:	:
↑	v	v'
↓	n	n'

Uma dificuldade surge, porém, imediatamente: mesmo partindo do princípio de se tratar de unidades comparáveis e de correlação espacial e temporalmente próximas, que aspectos servem de base a esta comparação? A pergunta não desafia uma evidência mas procura pôr em causa algumas tentativas de evidência no domínio da análise léxico-semântica.

Ao compararmos os títulos de Rádio Renascença (consultar os textos em anexo) com os desenvolvimentos respectivos, na perspectiva do esquema apontado, verifica-se, num primeiro nível de análise, que há um recorte diferente no contexto semântico/referencial. Para concluir por esta diferença foi necessário estabelecer unidades de sentido primordiais. Assim para b temos

- Conselho de Ministros reunido
- encontro Primeiro-Ministro/Presidente da Região Autónoma da Madeira
- encontro deste último com o Presidente da República.

Para b' temos:

- Conselho de Ministros reunido
 - gestão do Estado da Região Autónoma da Madeira
 - encontro do Primeiro-Ministro com A. J. Jardim + matérias de discussão
 - encontro A. J. J./Presidente da República ϕ .
- } não matéria de substância política
} matéria de gestão corrente do Estado

Com este esquema não se torna difícil reconhecer os pontos de contacto entre as unidades de sentido discriminadas. Contudo fica ainda por revelar a similitude – discursiva e já não de conteúdo – que parece existir entre b e b'.

Fazendo operar uma nova distribuição das mesmas unidades de sentido, chegamos ao esquema seguinte:

- b { – Conselho de Ministros reunido
- { – encontro Primeiro-Ministro/Presidente do G.R. da Madeira
- { – A. J. Jardim
- { – Presidente da República
- b' { – Matéria de substância política – não
- { – Matéria de gestão corrente do Estado – sim oposição¹
- { – gestão do Estado – matérias de análise
- { – mas oposição²
- { – gestão da Região Autónoma
- { – Primeiro-Ministro
- { – A. J. Jardim – matérias de discussão
- { – A. J. Jardim
- { – Presidente da República .

A distribuição, ou melhor, a configuração binária que corresponde à progressão discursiva aparece ligada a outro processo: a redução de uma unidade sintagmática/sémica, como por exemplo “gestão do Estado”, a uma unidade em que prevalece o último elemento, ou que fica reduzida ao último elemento, neste caso “Estado”, constituindo o elemento “gestão” o ponto de união de duas unidades conjuntas e opostas simultaneamente.

É evidente que as duas oposições assinaladas no esquema não são da mesma natureza. A primeira aparece a título de denegação, tendo como pressuposto a frequência de substância política como matéria de reunião ministerial. A segunda oposição é ao mesmo tempo englobante e relativizante: tratando-se embora de gestão, não se trata já de Estado mas de Região Autónoma. Por outro lado, esta oposição torna-se necessária para a progressão discursiva – a estada em Lisboa do Presidente da Região Autónoma da Madeira surge desta maneira como tema de proximidade natural e imediata. Este, aliás, um aspecto que podemos integrar dentro de um fenómeno que tende a ser realçado na escrita da imprensa – a contiguidade discursiva.

Com efeito, já no título b aparece um operador

que podemos classificar de discursivo da contiguidade – “enquanto que”. Este operador imprime ainda um carácter elevado de narratividade – e de narratividade binária – ao texto do título, parecendo oportuno precisamente num texto curto.

O carácter de brevidade do título, predispondo, pelo menos aparentemente, à confluência de operadores discursivos da narratividade (cf. também “entretanto” no título d) impõe, como é óbvio, uma redução temática motivada. Se no corpo da notícia b' se verifica a conjugação de dois temas – encontros e assuntos dos encontros – no título b é exclusiva a presença do tema, ou semantema, “encontro”.

O domínio privilegiado é o domínio pessoal, e não seria despropositado considerá-lo como emblemático num conjunto de títulos onde os sujeitos – e sujeitos gramaticais – são predominantemente pessoas, quer individuais, quer colectivas. E os encontros, reuniões, viagens, inscrevem-se num motivo que faz da intersubjectividade socio-política, acontecimento, tendência esta já mais geral e própria da imprensa em geral.

A relação romanesca que advém de um encadeamento discursivo específico consolida-se, na perspectiva do ouvinte, em “mas enquanto aguardam a sua integração na CEE (...)” do desenvolvimento d'. A própria utilização próxima do termo “episódio” não desmerece esta interpretação.

As ligações discursivas são necessárias, mas não são necessariamente contraditórias. Depois de terminada uma notícia com uma apreciação, senão optimista, pelo menos de boa intenção,⁽⁶⁾ começa nova notícia com um comentário que reforça paradoxalmente o carácter disforizante da anterior.⁽⁷⁾ Se é visível mais uma vez a transição sob forma de oposição binária, é notória aqui a incompatibilidade de duas afirmações textual mas não discursivamente próximas.

Uma elaboração analítica com base nas premissas já enunciadas permite utilizar, e simultaneamente determinar, vários tipos de unidades distintivas. Se o conteúdo é abordado com unidades de sentido, é com unidades de valor que se torna possível recolher um elemento dinâmico do texto – a ênfase. Quanto à configuração do texto, essa é realizada através de unidades correlativas do discurso, constituídas por vezes pela própria disposição das unidades de valor.

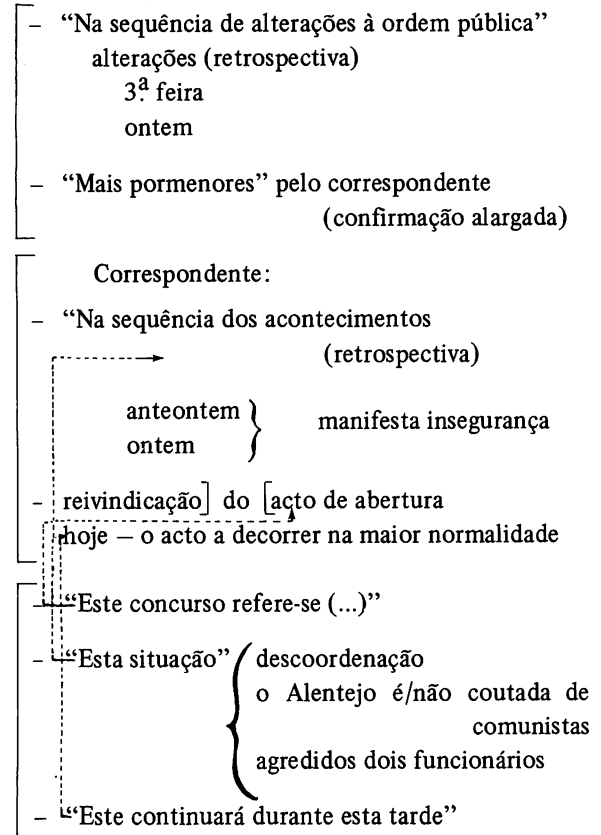
O conjunto título a / desenvolvimento a' parece ilustrar esta última perspectiva, como se pode depreender depois de organizadas cronologicamente (segundo a cronologia textual) as unidades de valor predominantes,

que se ordenam sem operadores discursivos aparentes:

a			
	A palavra – o homem – o lugar		
a'			
Efeito	causa		
	(viagem)	valor superlativo para o emissor	
Palavras		valor para o destinatário	
“Palavras”		valor – contexto espacial	
Comunicado		valor Igreja	
		homem	
Mensagem		valor superlativo – viagem	
Visitas pessoais			
Manifestações externas			
Visita a Nicarágua (antecipação do efeito)		contexto espacial	

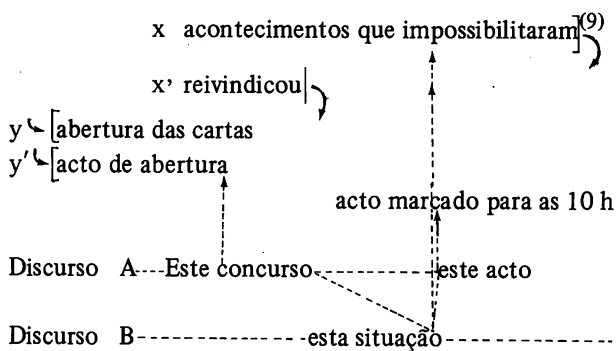
Assim, a importância recorrente atribuída, no desenvolvimento, à Palavra repete-se (e institui-se) no título, onde a Palavra reside – residualmente, por que não? – como momento inaugural.

O paralelismo a que conduz, em títulos e desenvolvimentos, a presença das mesmas unidades de sentido e de valor é certamente pertinente. Mas, a elevá-lo a ponto fulcral de análise, uma perspectiva unilateral tenderia a impor-se. Ora há aspectos que separam radicalmente um título do seu desenvolvimento, mesmo quando ambos contêm elementos sintagmáticos comuns. O conjunto e/e' mostra-se a esse respeito exemplar. O momento introdutório de e' repete quase integralmente o título, exceptuando “tensão” substituído por “agitação”. Um processo transformacional corrente entre títulos e corpos de notícias – a nominalização – intervém igualmente: “demissões” – “demitirem-se”. Não ficam assim desmentidos o conteúdo de um e de outro; reforçados mesmo, não só pela insistência e aparato informativo (intervenção do correspondente), próprios de certos desenvolvimentos radiofónicos, como também pela inconsistência que paira no documento ao vivo fornecido pelo correspondente. É a natureza dessa inconsistência que convém discernir, e dela podem dar conta as unidades correlativas de discurso. Para isso vejamos o desenvolvimento e' :



No quadro acima transcrito foi o desenvolvimento dividido em três partes, correspondentes a três planos: o plano da intervenção da locutora, o do correspondente a corroborar as notícias anteriormente ditas e a fornecer um complemento em relação ao “hoje”, não abordado pela locutora, e o terceiro plano, constituído pelo momento do texto em que intervém o deíctico “este” (“este concurso”, “esta situação”, “este acto”), que será considerado como unidade correlativa de discurso. É ele, com efeito, que trás à superfície textual o cruzamento de dois temas, tornados discursos: um, onde predomina o disfórico e a normalidade é obliterada, o outro, onde se recordam elementos ligados ao “concurso/acto” em si.

É precisamente com a “reprise” de elementos de conteúdo primordiais (concurso/acto de abertura e situação de tensão) e a “deslocação” do valor semântico-sintáctico de “este” que fica não só perturbada a sequência lógica do texto, mas também patente a oscilação real entre dois objectos de informação, justapostos e rivais. O esquema seguinte sugere pois a presença paralela dos dois discursos e a progressão textual quebrada.⁽⁸⁾



Se no noticiário da Rádio Renascença os títulos são anunciados como tais, assim como os corpos de notícias são chamados de desenvolvimentos, na Antena 1 a repartição não obedece a este critério e nomenclatura. A organização é mais complexa, ou pelo menos mais aparatosa, pode dizer-se mesmo, e no que toca a certos pontos do noticiário do dia 3/3/83, mais pitoresca.

ANTENA 1 – Jornal da tarde (13 h)

Jornal da tarde - o som da actualidade

Boa tarde. Em grande destaque na primeira página do jornal da tarde, José Rocha Dinis com a notícia – corrida a um banco em Macau provocou pânico:

“Estabeleceu-se algum pânico, chegou a haver alguns estragos (...)”

Outro tema a merecer destaque de 1.ª página teria de ser fatalmente o futebol – 4.ª-feira europeia com golos portugueses: “GO...O...L...O!!...”

Já a “águia” voava bem alto, quando “leão” rugiu.

Outro tema é a visita do Papa. Na Costa Rica ele explicou o sentido da sua viagem

[voz do Papa] “(...) esperanza (...)”

Em página alargada vamos falar hoje de um dos actos políticos mais importantes no próximo fim-de-semana na Europa: eleições na Alemanha Federal.

Hoje andou a roda – números mais premiados (...)

Primeira página com destaque para a corrida a um banco em Macau. Uma situação que gerou algum pânico entre os clientes daquele estabelecimento bancário e nos próprios círculos de alta finança. A situação está hoje normalizada após horas de grande expectativa. Mas o que é que esteve por trás desta atitude dos clientes habituais do Luso-Internacional? Em directo de Macau – José Rocha Dinis:

“Na base desta atitude poderá estar o facto de ter-se lançado um boato de que o Banco Luso-Internacional estava muito empenhado na compra do ouro (...)

Era José Rocha Dinis em directo de Macau. Jornal da tarde. Também em 1.ª página e Mário Aleixo na 4.ª-feira europeia com golos portugueses:

? ...

“O livre é marcado (...)

É golo ...”

Foi assim no início da tarde de ontem no estádio olímpico de Roma – era o primeiro golo do Benfica visto e ouvido pela televisão e pela rádio. Era também a primeira explosão do entusiasmo português no que constitui a primeira mão dos quartos de final (...)

– enfim, já tudo se terá escrito e dito nas últimas horas sobre a vitória do Benfica (...) mas nós podemos ainda rapidamente recordar alguns momentos através do registo magnético, como por exemplo o 2.º golo do Benfica (...):

[relato] ... Golo, golo, golo ...”

É evidente a influência da imprensa escrita, ao ser perspectivado o encadeamento das notícias em termos de “primeira página” e “outras páginas”. Além disso, a meio da amostragem de temas de primeira página, outros temas pertencentes, como é dito, a “nova página, ou a página alargada”, são anunciados, à semelhança do que se passa na imprensa escrita, com as “tarjas” da primeira página.

Estes aspectos, embora de interesse, não serão desenvolvidos aqui, onde ficará também por abordar a relação entre o título – anúncio e o respectivo corpo de notícia. Duas reflexões só – uma sobre a articulação do título do locutor e o extracto do texto que lhe serve de réplica; a segunda sobre a articulação de corpos de notícias.

Um vaivém interior/exterior dos estúdios realiza um simulacro de realidade e de diálogo. À voz responde a voz, ao som o seu reflexo, e não é em vão que o slogan de abertura é “jornal da tarde – o som da actualidade”. O som que ilustra a amostra de notícia, esta a funcionar como título, aquele a corresponder à vez ou voz da verdade, à sua imagem, ilustração ou eco. De tal maneira que a passagem do título à sua ilustração sonora é feita precisamente pela utilização do mesmo termo-chave: pânico pânico; atitude atitude; golo golo (repetido duas vezes no desenvolvimento), etc.

Talvez por pura coincidência, o último termo do final da notícia sobre a visita do Papa – “tribunal” – é repetido no início da nota seguinte, depois de uma pausa

musical:

“(...) os condenados devem morrer até 24 h após a decisão do tribunal [música] “O tribunal constitucional criado na sequência da revisão constitucional (...)”

A contiguidade é humorística e negra. Tenaz a necessidade inconsciente do encadeamento sob forma de objecto/reflexo. Paródica ou violenta a contiguidade de notícias que se valem e se neutralizam.

RÁDIO RENASCENÇA

Títulos do jornal das 12.30 h

A mudança na América Central ainda é possível – afirmou João Paulo II na Costa Rica.

A nível nacional, o Conselho de Ministros está reunido para debater assuntos correntes do Estado, **enquanto que** para esta tarde se prevê um encontro entre o Primeiro-Ministro e o Presidente do Governo Regional dos Açores. Alberto João Jardim é **também** recebido hoje pelo Presidente da República.

A CEE revê as suas propostas no que toca aos produtos agrícolas mediterrânicos na perspectiva do alargamento da Comunidade a Portugal e Espanha.

Entretanto, os dois países ibéricos discutem a problemática das pescas.

No Alentejo, a Reforma Agrária volta a provocar agitação e demissões.

A Carris paralisa de novo esta tarde durante quatro horas. **Mas ... há outros conflitos laborais.**

A OPEP está reunida em Londres: em foco os preços do petróleo.

O presumível atentado a L. F. em Itália desencadeia polémica diplomática. De novo a Bulgária no centro do caso.

As negociações israelo-libanesas não conhecem progressos significativos.

Estes, como dissemos, alguns dos títulos a desenvolver às 12.30 h.

(...)

Passamos desde já ao desenvolvimento. Uma atmosfera de esperança invade irresistivelmente a América Central, com a peregrinação de João Paulo II – o mais audacioso empreendimento do seu pontificado.

A mudança na América Central ainda é possível – esta a principal mensagem do Papa a milhões de homens, mulheres e crianças que acordam diariamente debaixo da atmosfera cinzenta da guerra. As palavras do Sumo-Pontífice soam numa região que conhece uma guerra civil no Salvador, confrontos diários na fronteira entre a Nicarágua e as Honduras, sangrentas actividades de guerra e repressão na Guatemala.

O Papa insistiu vigorosamente no papel pacifista mas activo que a Igreja deve desempenhar nesta região para defender os homens, sobretudo os mais pobres e deserdados, aqueles que não dispõem de terras e são marginalizados.

Hoje na capital da Costa Rica, o ponto mais alto da jornada de João Paulo II é a mensagem à juventude no estádio nacional. Às 18 h, hora de Lisboa, o Papa é também recebido no palácio presidencial pelo Presidente da República, L. A. Monge, e no fim do dia reúne-se com os sacerdotes e religiosas na Sé-Catedral de S. José.

Mais de cem mil cartazes alusivos à visita papal, bandeiras do Vaticano e da Costa Rica, imensas fotografias de João Paulo II e grandes painéis murais, confeccionados com flores, reproduzindo símbolos cristãos, enfeitam as ruas percorridas pela comitiva papal. Desta vez, a enorme força de segurança que normalmente acompanha o Papa tornou-se irreconhecível nos cortejos.

Amanhã será a vez da Nicarágua receber o Soberano-Pontífice – a segunda etapa do seu périplo à América Central. Neste país, a mensagem de paz e reconciliação é particularmente esperada, numa altura em que se intensificam os ataques de grupos anti-sandinistas lançados a partir de território hondurenho.

Por cá, o Conselho de Ministros está reunido desde o princípio da manhã. Na sua agenda **não se destaca** nenhuma matéria de substância política: é unicamente dedicada a discussão de alguns decretos-lei da gestão corrente do Estado. Entre eles, o destaque para uma proposta que (...).

(...) **Ainda no âmbito** da gestão do Estado, mas especificamente no que se refere ao Governo da Região Autónoma da Madeira, o Primeiro-Ministro reúne-se esta tarde com A. J. Jardim. Neste encontro serão apreciadas diversas matérias pendentes, que João Jardim já discutiu durante esta sua estada em Lisboa com os restantes membros do Governo. A instalação da zona franca industrial da Madeira (...) e ainda outras matérias do sector das pescas são os principais assuntos em análise. João Jardim será ainda recebido esta tarde pelo Presidente da República.

Outro assunto. O alargamento do Mercado Comum a Portugal e Espanha (...)

Mas enquanto aguardam a sua integração na CEE, os dois países ibéricos procuram resolver problemas bilaterais. O acordo de pescas luso-espanhol conheceu novo **episódio** com a breve estada em Lisboa do Secretário das Pescas espanhol Miguel Oliver. Embora Portugal não abdique dos princípios básicos para a salvaguarda do mar territorial português, Faria dos Santos adiantou que está em discussão um acordo provisório que poderá vigorar até Setembro. **Estas as declarações** do Secretário das Pescas português, ontem, à partida de Miguel Oliver que, como dissemos esteve em Lisboa à procura de uma solução para o diferendo entre os dois países. **Este** acordo provisório justifica-se uma vez que o governo que sair das eleições de Abril não pode negociar imediatamente um acordo global. **Contudo**, M. O. mostrou-se optimista quanto ao desbloqueamento da situação, afirmando à Anop que as conversações decorreram bastante bem, tendo-se **aberto uma porta** para uma solução transitória.

Mas se entre Portugal e Espanha não se vislumbra ainda um acordo, Luís Fontoura que se encontra em Cabo Verde declarou que Portugal e aquele país chegaram já a um **entendimento** no sector das pescas. Adiantou ainda que as conversações da comissão mista luso-caboverdiana decorreram de forma excelente.

No Alentejo, a Reforma Agrária volta a provocar tensão. Directores da delegação em Beja do Ministério da Agricultura demitiram-se na sequência de alterações à ordem pública verificadas naquela cidade nos últimos dias. Na passada 3.^a feira aquando da abertura de cartas de agricultores candidatos a distribuição de terras da Cooperativa da Herdade do Sertão, um grupo de rurais concentrou-se frente às instalações do MAP e impediu aquela operação. Ontem de manhã as instalações foram invadidas apesar da presença de elementos da PSP. Mais pormenores pelo nosso correspondente em Beja, Carlos Cavaco:

“Na sequência dos acontecimentos que impossibilitaram a abertura das cartas dos concorrentes ontem e anteontem nas instalações do centro regional da Reforma Agrária de Beja, devido a manifesta insegurança para a realização legal do processo, o governador civil de Beja, Parreira Cortês, reivindicou o acto de abertura de propostas a que está a presidir e que continua a [decorrer] no edifício do Governo Civil. O acto marcado para as 10h da manhã está a decorrer na maior normalidade, tendo a PSP montado um dispositivo de segurança que, dada a ausência de manifestantes, não teve necessidade de intervir. Este concurso refere-se a quatro parcelas de propriedades agrícolas do distrito de Beja. Segundo o chefe do distrito, esta situação ficou a dever-se a uma descoordenação entre a PSP e os técnicos do MAP no que respeita à segurança. Parreira Cortês diria ainda que o Alentejo é parte integrante do país e não coutada de comunistas. Recorde-se que ontem foram nas instalações da estação agrária de Beja agredidos dois funcionários e houve roubo e destruição de algumas cartas com propostas. Este acto continuará durante esta tarde”●

* MARIA LUÍSA DO AMARAL SOARES OPITZ

Nascida no Porto, em 1947, licenciada em Filologia Românica pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, em 1969, apresenta, em 1970, a tese de licenciatura *O fantástico no conto brasileiro*. Conclui o estágio liceal no Porto, em 1972. Foi leitora de Português durante quase dez anos na Universidade de Nancy onde defende o “Doctorat 3^e cycle” em Linguística, com um trabalho que intitula *l'Identité du texte – Introduction à une analyse du titre, de l'article et de l'image dans la presse périodique portugaise*, Junho de 1984, sendo já assistente convidada da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da U.N.L. Atribuída a equivalência em Maio do corrente ao Doutoramento português, passa a professora auxiliar da mesma Faculdade.

BIBLIOGRAFIA

- (1) Foram feitos alguns acrescentos e pequenas alterações ao texto da comunicação; os jornais utilizados encontram-se em anexo.
- (2) In E. Morin/M. Piattelli – Palrini, *L'unité de l'homme. I. Le primate et l'homme*, Paris, Editions du Seuil, 1974, p. 73. Quanto à “comunicação simbólica”, não é na acepção de Premack que utilizamos o termo simbólico no nosso trabalho.
- (3) Richaudeau, em *Les secrets de la communication efficace*, La Bibliothèque du CELP, 1975, estabelece a existência de sete filtros e paralelamente um esboço de tipologia do ouvinte/leitor.
- (4) Com a orientação das flechas tal como fica representada, pretende sugerir-se uma correlação horizontal/vertical que evite instituir um único ponto inicial imanente; ficam graficamente incluídos fenómenos como os já citados – retroacção, reconhecimento, reforço remanência.
- (5) “(...) tendo-se aberto uma porta para uma solução transitória”.
- (6) “Mas se entre Portugal e Espanha não se vislumbra ainda um acordo”. Esta notícia vem representada por & por não ter título correspondente.
- (7) A linearidade textual, a ser considerada, só o pode ser a nível temporal de superfície. Nas suas relações espaço-temporais, as entidades textuais revelam uma organização simbólica própria, que pode ou não ser representada geometricamente.
- (8) As flechas representam a ligação sintáctica entre $x-y$ e $x' - y'$. Por sua vez, os parênteses rectos as entidades do plano discursivo seccionadas e para as quais apontam efectivamente “este ...”, “esta ...” e “este ...” nas suas relações anafóricas com o referente respectivo.